

MESA REDONDA 01: “Musicoterapia a Caminho da Transdisciplinaridade”

Musicoterapia e Transdisciplinaridade

Rodolfo Petrelli¹

A compreensão do ser humano só é possível em uma epistemologia transdisciplinar.

A pessoa humana nos seus próprios gêneros, homem-mulher, a sua experiência interior, o seu comportamento, apresenta-se em fatos e eventos cuja natureza não é apenas complexa, mas misteriosa, absolutamente não reduzível a uma dimensão, e sim, às múltiplas dimensões.

Binswanger, psiquiatra do século passado, contemporâneo de Freud e amigo dele, criticava o próprio Freud pelo seu reducionismo fisicista hidráulico-mecânico do aparato psíquico; convidava-o, mas inutilmente, a reconsiderar as suas posições, sugerindo-lhe uma abertura para a espiritualidade, dimensão também constitutiva da essência humana.

A complexidade não ocorre apenas na aristotélica dualidade, matéria e forma, e na cartesiana polaridade de “res cogitans” e “res extensa”, também não ocorre na dialética da subjetividade e objetividade da ordem e do caos, do devaneio e da razão, do consciente e do inconsciente; a complexidade ocorre sobretudo, no encontro e aos limites da transcendência com a Imanência, do Infinito com o finito, na experiência do Tempo e do Espaço.

A fenomenologia proposta por Brentano, Husserl, Heidegger é aplicada à psicopatologia por Binswanger, Minkowski, Merleau-Ponty e outros, com certeza é a construção epistemológica mais adequada no enfrentamento dessa complexidade por ser uma instância que organiza e disciplina, com rigor metodológico, as ciências que se aplicam à sua compreensão.

¹ Doutor em Psicologia pela Università Pontificia Salesiana Roma (1989) . Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Goiás e funcionário do Associação Goiana de Psicodiagnóstico Rorschach. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social. Atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Comparata, Psicologia Diagnostica, Psicologia della Percezione, Psicodiagnostico Rorchoch.

A realidade é complexa e misteriosa, não apenas a que constitui o homem mas tudo que o abrange e lhe se refere no micro e macro cosmo, no tempo que vive e mensura e no que está além do tempo vivido e medido.

Qualquer reducionismo científico encomendado e oficializado por ideologias dogmático-autoritárias não apenas ofende a verdade ontológica; mas se torna um “perigo” para a sobrevivência do planeta Terra e dos seus habitantes.

Física, Biologia, Medicina, Filosofia, Psicologia e tantos outros saberes confluem para formar uma epistemologia complexa e concorrem à compreensão do fenômeno humano em todas as suas dimensões e em todos os seus momentos como indivíduo singular como parte de grupos pequenos e grandes, naturais e culturais; como organismo, como psique, como mente, como espírito.

A pessoa humana não é apenas um ser inteligente, é dotada de uma “consciência intencional” que se dirige não apenas às coisas na sua própria evidencia lógica e racional mas que penetra no inefável, no indizível, no paradoxo, no aparentemente absurdo e caótico.

O indivíduo humano, homem e mulher, não é apenas resultado de fatores ambientais físico-culturais, de contingências ocasionais não previstas; é sujeito, é protagonista responsável de um destino que lhe foi decretado, mas que também está na sua mão; um destino de vida e morte, de significados e de insignificância, de Bem e de Mal para si mesmo e para a humanidade da qual é consciência e responsabilidade.

Nessa perspectiva, a existência humana é um problema, é um drama a ser vivido em toda sua magnitude em todo o seu mistério. É preciso ter coragem, fé, esperança e, sobretudo amor.

Cada pessoa deve cuidar de si mesma e dos outros; a existência precisa de “cura” para não decair, para não se alienar, para não se perverter, desconstruindo e destruindo a vida, porque não se vive apenas para evitar os riscos e para se defender; a “cura” é necessária para lançar a existência dando-lhe coragem, energia, luz, calor e tudo que for preciso para construir, para conduzir a humanidade sempre mais ao alto, não apenas para onde as águias não conseguem e nem ousam pousar (Bateson) mas lá no alto, no altíssimo ao lado de Deus onde e quando se realiza o destino último da humanidade.

A filosofia existencialista cristã de Agostinho, de Pasqual, de Gabriel Marcel, de Jacque Maritain nos orienta para esta direção. A psicoterapia fenomenológica existencial, dentro da psicologia, também nos orienta neste caminho de ascese de protagonismo e de militância na ação ética (Minkowski, Binswanger, Allport, Rollo May, Victor Frankl e o grande G. Jung).

A arte é terapia seja quando nos leva a contemplação e quando nos leva a transgressão ética. A música também é terapia porque é pura energia, é pura espiritualidade, mobiliza não apenas o corpo lhe dando vida, emoções, desejos; mobiliza o espírito, o expande, o lança no cosmo, nas regiões da transcendência, na eternidade.

A pessoa, na sua autenticidade e integridade, é corpo vivente, consciência, intencionalidade, mas também musicalidade, harmonia, vibração cósmica.

As psicoterapias tradicionais cognitivistas, comportamentais, psicanalíticas, precisam da fala e por isso o silêncio assusta e embaraça tanto o terapeuta quanto o paciente; porém nem sempre a fala tem o poder da cura e quando ela se apaga no silêncio, a cura perde o seu vigor.

É o momento da música, a “cura” da existência pela música que restabelece os contatos com a vida em sincronia e sintonia com a realidade interior, com as coisas do mundo e com o Universo.

A música tem o poder de dar coragem ao derrotado e deprimido, de dar tranquilidade ao maníaco agitado, de despertar desejos ao melancólico, de acompanhar os devaneios das “mentes brilhantes” na busca criadora de novas idéias, de novas obras e novos projetos de vida. A música não precisa da fala, mas quando penetra nas palavras tem uma força poderosa que convence, anima, motiva, lança o indivíduo na luta.

Nesses momentos é importante que o músico-terapeuta entre em sintonia, em simpatia, em sincronia com o espírito do seu paciente lhe oferecendo ritmos, sons, melodias em harmonia com os seus sentimentos, mas também, se for necessário, em antítese com eles porque a música tem o poder de acalmar a ira e ressuscitar os mortos.

Os filósofos, e com razão, estão recuperando para si o exercício da cura; na antiguidade os filósofos eram os terapeutas; os profetas sempre foram terapeutas do povo; são eles que lhe restituíam a consciência e a identidade nacional quando humilhado e

acorrentado no exílio. Giuseppe Verdi foi um terapeuta para a Itália se sentir nação e se libertar da invasão austro-húngara.

O Brasil não está no exílio dentro da sua própria terra alienado à omissão oficializada e à corrupção dos seus administradores e representantes?

Será que os psicólogos psicoterapeutas darão conta de mobilizar a consciência do povo?

É hora dos “músicos-terapeutas” voltarem a retomar o destino do povo brasileiro para salvá-lo da alienação.

Durante a triste ditadura militar quantos psicólogos psicoterapeutas foram exilados? Não temos estes dados, mas sabemos quantos “cantores” familiares a nós foram perseguidos e silenciados; os tiranos tinham medo deles porque mobilizavam as massas populares, dando-lhes consciência, coragem, determinação, inspiração ética, liberdade. O que fez Milton Nascimento com a sua canção “coração de estudante” para levantar a esperança de milhares de jovens na resistência à tirania não foi feito por centenas de psicoterapeutas protegidos nas “torres de marfins” dos seus consultórios.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BARRON, F. Creativity and Personal Freedom. New York: D. Van Nostrand, 1968.
- BATESON, Gregory. Steps to an Ecology of Mind. New York: Chandler, 1972.
- CARUSO, Igor. Psychanalyse pour la Personne. Paris: Editions du Senil, 1962.
- FROMM Erich. The Revolution of Hope: toward a humanized technology. New York: Harper & Row, 1968.
- MAY, Rollo. Love and Will. New York: W. W. Norton, 1969.
- MAY, Rollo. Psychology and the Human Dilemma. New York: W.W. Norton, 1996.
- MERLEAU PONTY, M. A Natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MINKOWSKI, E. “Le Temps Veçu”. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- MORIM, Edgar et al. O pensar complexo, e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MOUSTAKAS, C. Creativity and Conformity. New York: D. Van Nostrand, 1967.
- ROYCE, J. R. The Encapsulated Man. New York: D. Van Nostrand , 1964.
- VENTURA, M; HILLMAN, J. Cem anos de psicoterapia e o mundo ficou cada vez pior. São Paulo: Summus, 1997.